

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

SEREISMO ATRAVÉS DA PERFORMANCE

Walison Ferreira Moraes

Brasília, fevereiro de 2023

Walison Ferreira Moraes

SEREISMO ATRAVÉS DA PERFORMANCE

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mundim

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Interpretação Teatral apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Brasília, fevereiro de 2023

Trabalho de conclusão de curso do (a) estudante Walison Ferreira Moraes, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Interpretação Teatral.

Banca examinadora:

Professor Dr. Tiago Mundim - IdA/ CEN/ UnB

Orientador

Professora Dr. ^a Fabiana Marroni Della Giustina - IdA/ CEN/ UnB

Examinadora

Professora Ms ^a Ana Quintas - IdA/ CEN/ UnB

Examinadora

Resumo

O Sereismo é uma filosofia de vida que traz uma mensagem de amor e cuidado com a natureza, dando ênfase na conservação dos oceanos, mares e lagos. Desse modo, apresenta-se sob um ritual de ativação do arquétipo da sereia como uma ação performática. O objetivo desta pesquisa foi inspirado nas ações de Eleonora Fabião, usando o programa performativo como motor de experimentação, mediante ações sensoriais com um lado mais empírico das emoções internas, por intermédio de um ritual de adoração de si mesmo. A metodologia utilizada foi a ativação da sensorialidade do corpo como combustível essencial para a criação de movimentos livres inspirados nos elementos da terra ar e água com fluxo contínuo do início ao fim das ações, e usando a consciência corporal adquirida durante todo o período das disciplinas de Movimento e Linguagem do departamento de artes cênicas.

Palavras-chave: Sereismo. performance. corpo. ação. movimento.

Agradecimentos

Agradeço a mim mesmo, por não ter desistido desse processo e desta busca pelo movimento dançado e embarcar nesta aventura que é a arte da cena. À minha família que sempre foram a minha base, aos meus amigos que sempre foram um apoio, ao Mariano Costa que é um anjo de luz que pegou na minha mão e disse "você consegue, Sereio". Ao meu orientador, Tiago Mundim, por ter acreditado em mim e por toda paciência do mundo, à Rita de Castro que foi essencial na escolha desse tema, à Fabiana Marroni, por ter sido uma inspiração desde o início da graduação e pela graça da sua gestualidade mais linda dos movimentos. Ao folclore paraense de onde tirei inspiração para este trabalho, às águas doces dos rios do Norte que recarrega as minhas energias e a força do querer, sem ela seria impossível ter realizado essa pesquisa.

*“Onde queres o ato, eu sou o espírito. E onde queres ternura, eu sou tesão. Onde queres o livre, decassílabo. E onde buscas o anjo, sou mulher. Onde queres prazer, sou o que dói. E onde queres tortura, mansidão. Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói.”*

(Caetano Veloso)

Sumário

Introdução	8
Capítulo 01 - Sereismo	9
1.1 O que é?	9
1.2 O Sereismo através da performance.	17
Capítulo 02 – Corpo em performance	19
2.1 – Corpo cênico, estado cênico.	19
2.2 – Performance e teatro: poéticas políticas da cena contemporânea.	24
2.3 – Performance de arte relacional como cura.	31
2.4 - O gesto e o sentido.	35
2.5 - O teatro do movimento.	38
Considerações Finais	42
Referências	43

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de um sonho que eu jamais imaginaria que pudesse tornar-se real: virar uma figura mitológica, literalmente. Diante disso, pode-se inferir que a imagem da sereia é algo que mexe com a criança interior de muitos seres humanos, e comigo, creio que não poderia ser diferente, especialmente por ter sido criado em uma região rica em águas, lendas, folclore e uma cultura vasta e diversa.

Ingressar no curso de artes cênicas pela Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira porta que se abriu na busca deste sonho. Tornar-me um ator profissional, e nessa caminhada pessoal dentro da interpretação, descobri facetas interessantes que faria de mim um artista e não apenas um ator, como eu havia imaginado.

Para além disso, a imaginação fértil e a criação sempre estiveram presentes desde o início da graduação, e foi nas primeiras disciplinas de movimento e linguagem que o meu interesse surgiu em criar algo inédito e diferente dentro do Departamento das Artes Cênicas. Dessa maneira, resolvi externar algo, com colegas do curso e professores, que até então era só meu: um conceito e uma forma leve de ver a vida que interliga a minha essência, origens e crenças.

O Sereismo é um movimento que prega uma mensagem de amor, cuidado e a preservação da natureza, em especial a conservação dos oceanos, rios e o respeito aos animais. Essa filosofia de vida, a qual sou adepto, tem me dado uma experiência incrível, pois por meio dela, posso externar esse amor e é onde eu afirmo que tenho alma de sereia.

O objetivo desta pesquisa é relatar meu processo, enquanto ator, na criação de uma performance, trazendo a figura desse ser mitológico que é a sereia. Dentro disso, há relatos dos meus desafios na composição de uma performance enquanto um ator e compositor de ação performática.

Este trabalho está relacionado com todos os estímulos que tive dentro da minha graduação, desde o início durante as disciplinas de movimento e linguagem e com os conteúdos em práticas docentes em dança. Que foi essencial para descobrir e seguir a vertente da performance, trazendo o corpo em movimento, portanto é um processo que envolve disponibilidade, entrega e muita dedicação.

CAPÍTULO 01 - SEREISMO

1.1 O que é?

O termo Sereismo surgiu em meados do ano de 2013 por meio da blogueira e jornalista Bruna Tavares do blog *Sereismo.com*. Destarte, o termo de fato apareceu enquanto a blogueira trabalhava como colunista em um blog de moda, quando destacou que o sufixo "ismo" é usado para expressar algum movimento de arte e moda. E dessa maneira, infere-se que Sereismo é a moda das sereias, como ela define (ALBERTI, 2018).

No entanto, antes disso, no Brasil, já existia Mirella Ferraz, considerada a pioneira no Sereismo. Ferraz, ressalta que o movimento não é apenas uma moda passageira e sim algo maior e mais sério, pois é um compromisso com a natureza, com os animais e com a preservação dos rios, mares e lagos.

No Sereismo, todos são bem-vindos para tornar-se uma sereia, um tritão ou um sereio, pois, segundo Mirella, no Sereismo não se faz distinção de gênero, posto que basta sentir-se conectado com a água. Além disso, ser sereia é ser ativista do meio ambiente, bem como um estado de espírito. De certo, você precisa realmente se sentir como tal, uma vez que é mais empírico do que físico. (ALBERTI, 2018)

Conforme Tritão PH (2017), o Sereismo prega a conservação do oceano e a exaltação da cultura das sereias que existem ao redor do mundo. Dessa maneira, ela não representa somente uma criatura que seduz e instiga para atrair a morte, haja vista que representa também a conexão do ser humano com a natureza. Portanto, é a união de duas forças e por meio da cauda, como uma segunda pele quando colocada, que espalhamos a mensagem de conservação dos oceanos mediante livros, vídeos no Youtube, entrevistas em jornais e ensaios fotográficos. Outrossim, no Sereismo não existe um dogma, a título de exemplo, algumas pessoas são veganas, vegetarianas, mas não é uma regra. Por conseguinte, o único ponto crucial é manter o respeito entre todos do movimento, nunca desrespeitar e sempre buscar a união como irmãos.

No Brasil, esse movimento se ampliou devido a novela de Glória Perez "*A força do querer*" da rede Globo em 2017. Ele passou a ganhar mais visibilidade, mas antes disso, Mirella Ferraz foi a precursora, pois foi a primeira a fabricar caudas.

Tem-se como casa o mar, no entanto, considera-se também qualquer fonte de água. Por isso, carrega-se a mensagem de que todos do movimento sempre devem manter limpas as

águas e informar que todos devemos ter essa consciência de preservação dos oceanos nas menores coisas que sejam. Por consequência, têm-se a crença de que toda criatura do mar é responsável por levar conhecimento ao ser humano.

O Sereismo, por também ser considerado uma tendência de moda, fez com que muitas pessoas conhecessem esse estilo de vida. Por outro lado, culminou na desvalorização do Sereismo de verdade, por muitos considerarem que o movimento signifique apenas colocar uma cauda e nadar, apesar de não haver problemas, o Sereismo também é uma profissão e uma expressão de valores e ideais (ALBERTI, 2018).

Como sereia profissional, existe Mirella Ferraz como principal nome aqui no Brasil, e existem outras e outros que vem ganhando seu espaço como sereias, tritões e sereios. Aproveitando disso, muitos canais anunciaram e banalizaram o Sereismo apenas para vender produtos inspirados no fundo do mar.

Diante disso, Mirella aponta em um vídeo no seu canal que o termo surgiu da mente "sereística" de Bruna Tavares, ademais afirma que o movimento é um culto às sereias. Culto esse de amor e fascinação sentido por todos os participantes, pois não se resume a moda. Isso se deve porque a moda é sempre passageira e para os amantes reais do movimento, o Sereismo é um sentimento eterno. (FERRAZ, 2015). Para muitos, nasceram consigo mesmo, o Sereismo além de ser profissão, como já havia dito é um estado de espírito, algo que me move, Sereismo é estudo, é muita pesquisa, é feminismo.

Eu cresci em uma cidade chamada Marabá, que está localizada na região sudeste do Pará, cercada por dois rios, o Tocantins e o rio Itacaiúnas, sendo o último onde eu passava as tardes de domingo depois do almoço junto com um amigo e o pai dele que sempre nos levava ao rio. É o lugar que eu tenho várias lembranças de brincar de ser sereia, e imaginar como seria nadar com uma cauda de peixe.



Imagem 1- associação dos rabeteiros

Era na margem desse rio que eu me conectava com a natureza desde criança e com o passar do tempo, fui crescendo e comecei a frequentar o rio Tocantins, que por sua vez, possui

umas das melhores praias de água doce, onde possui faixas de areias que só aparecem durante o verão amazônico.



Imagem 2 – Tay Marquioro

Eram nessas margens que eu enterrava as pernas na areia clara e pedia para as minhas irmãs desenharem uma cauda de peixe. Eu ficava debaixo da areia úmida, fingindo que era filho da mãe d'água, a Iara, que é a minha referência de sereia desde criança por conta da cultura paraense e da cultura indígena que é muito presente na cidade. No entanto, como a praia existe apenas na época do veraneio paraense, cresci brincando durante o período de cheia (Imagem 3), devido ao calor que faz no norte, era uma forma de refrescar e sempre brincar de ser sereia na margem do rio.

Minha família sempre dava um "jeitinho paraense" de se refrescar e durante as cheias dos rios, era possível brincar durante os grandes níveis das águas. Contudo, sempre com cuidado e responsabilidade, mesmo amando as águas do rio, sempre tive temor da mãe d'água Iara, e por isso, recolhia o lixo para não fazer mal aos peixes do rio.



Imagem 3 – Paulo César – Agência Pará

Eu cresci cercado por essas águas doces que sempre recarregam as minhas energias. Quando entro no rio, peço proteção às águas porque todo ser de água também tem temor, é como uma divindade, é algo sagrado que faz parte da minha vida, é um ritual íntimo e sublime que tenho com as minhas origens. O Sereismo fazia parte de mim sem ao menos fazer ideia do que seria o movimento, pois eu só queria fazer algo para contribuir com o meio ambiente e lutar pela causa ambiental.

Então em meados de 2016, houve uma grande seca no rio Itacaiúnas, um berço de água doce e fonte de renda para muitas famílias ribeirinhas. Foi diante desse cenário, vendo o sofrimento dos pescadores e das lavadeiras de roupas no rio, que eu comecei a pesquisar sobre ecologia, sobre proteção ambiental que eu conheci o Sereismo.

Ao me deparar com uma seca severa do rio devido ao avanço crescente de propriedades comerciais, que despejam resíduos nas correntes de água do rio, como filho das águas, me preocupei e entristeci de ver que era um problema ambiental grave. Essa problemática resulta nas secas dos rios e na escassez de peixes, levando assim o sofrimento de muitas famílias ribeirinhas. Eu vi que era possível me juntar com pessoas que pensam como eu para espalhar uma mensagem de conservação do meio ambiente, devido a seca severa que é possível observar na imagem seguinte.

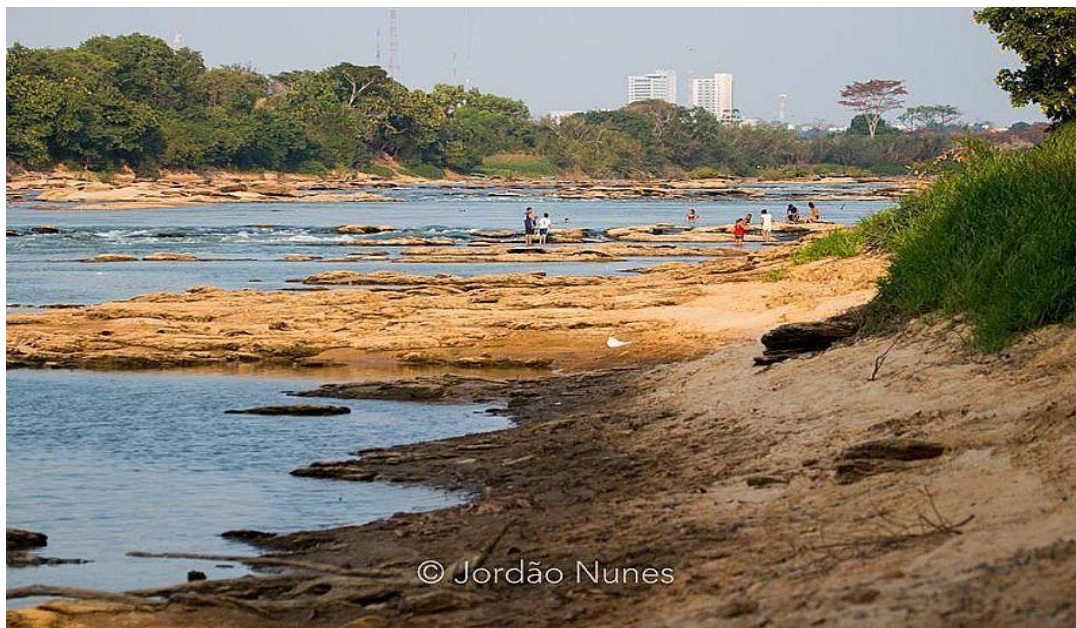


Imagem 4 – Jordão Nunes

E desde que descobri o Sereismo no Facebook, vi que meu sonho poderia dar certo. Não apenas por poder criar um personagem, mas por encontrar pessoas com quem me identifico. Então encontrei outras sereias, tritões e sereios que fazem encontros para limpar as praias pelo Brasil.



Imagem 5 – Thadeu Rocha

Esse encontro aconteceu na praia da Gamboa em Salvador em 2016, com esse cardume consciente que se reuniu para retirar lixos da praia e realizar performances aquáticas.

O escopo do grupo é difundir o Sereismo que preza pela limpeza do mar, praias e a celebração ao mar. É uma ação social e inclusiva para todos que amam e aos que são adeptos do Sereismo.

Conheci o trabalho da sereia Luzia da Estrela Molhada, que é uma sereia colhedora de lágrimas. Ela colhe lágrimas dos seres, tira o sal e com o doce das lágrimas, rega os rios e assim renova as águas dos rios e cura os sentimentos das pessoas. Essa é a descrição do espetáculo “Floreio”, que é criação da dançarina e musicista, que forma sereias nas oficinas de sereiada e dança invisível.

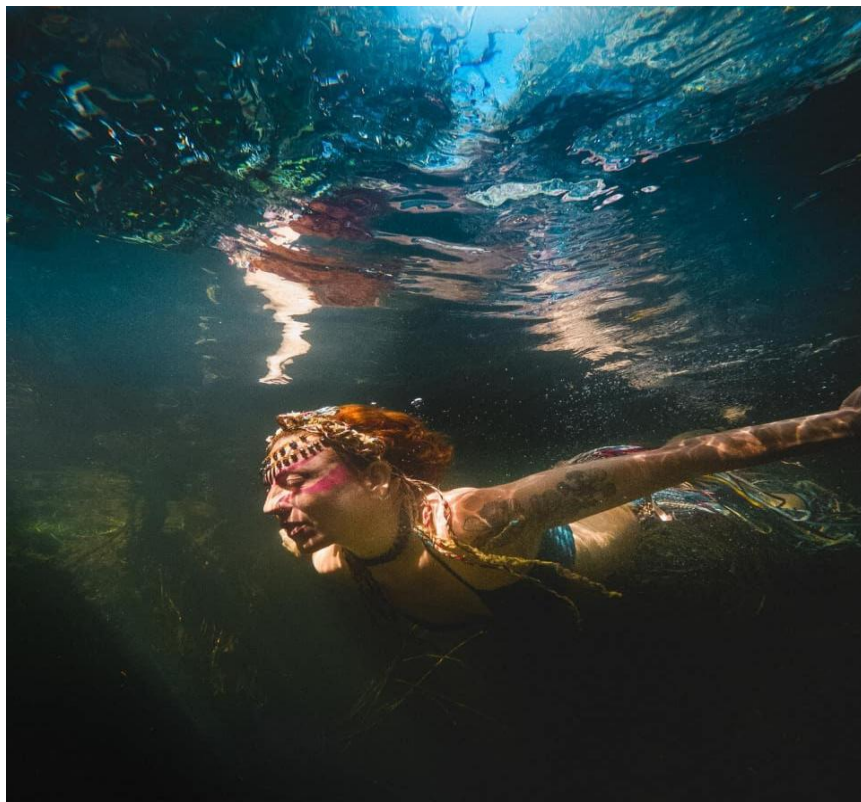


Imagem 6 - @eurioparafrancisco

Sereia Luzia tem um álbum inteiro disponível no YouTube chamado floreio, assim como o seu espetáculo. Minha música favorita é "acolhe", ela nos fala na letra “vem, olhe, eu preciso saber me escolher, oque eu preciso saber, me molhe, para encontrar o rio que acolhe” poesia em forma de música que pode ser usado na forma como você preferir para trazer o Sereismo para sua vida.

Tornando uma referência para mim, como outras sereias pelo Brasil, como é o caso da sereia Luthien de São Paulo que é vocalista na banda “*Mermages*”, que tocam no estilo acoustic folk e com quem eu troquei informações sobre o Sereismo aqui no Brasil, sendo ela amiga da Mirella Ferraz e do Tritão PH que é de Fortaleza Ceará e que eu cito no início da minha escrita.



Imagem 7- Thiago Sguoti

Uma referência de tritão é o PH Amâncio, que é de fortaleza e que representa muito bem como um amante fiel do Sereismo, pregando valores e conscientização sobre preservação dos oceanos e tirando dúvidas sobre o Sereismo em seu canal do Youtube.



Imagem 8 – Arquivo pessoal PH Amâncio.



Imagem 9 – Roberta Guido

Mirella Ferraz, a nossa pioneira, que é o principal nome dentro do Sereismo brasileiro desde quando não existia o termo inventado por Bruna Tavares.



Imagem 10 - Yuri Milicevic

Na fotografia acima vemos Mirella Ferraz ao lado de Thiá Sguoth, Carla Carvalho, Ellen Sato, Nicole Beatriz, Thatiane de Luca, Najah H, David Moreira, conhecido como David sereio e Camila Gomez, que interpreta a Ariel no projeto princesas caiçaras, esses são alguns dos nomes de sereias, tritões e sereios do Brasil. Um movimento que cativa muitas pessoas, e que no fundo são todos como irmãos, que é um dos objetivos do Sereismo com o intuito de propagar o bem pela natureza e os animais. Porque antes de tudo, o movimento Sereismo também é amor.

Sereismo é um culto às sereias, e esse culto pode vir de várias formas. Pode ser em forma de poema, em livros que escrevem, mediante o arquétipo, amuletos de sorte e o jeito como você o incorpora na sua vida.

O Sereismo é um conceito, e é sobre você respeitar principalmente a natureza, os mares, os rios e tudo o que existem neles. É você lutar por ele, e isso é totalmente o mundo que envolve o movimento das sereias e não tem como se desvincular dele.

Em suma, é mais que uma tendência passageira, pois passa valores e atitudes de propagar o bem com o meio ambiente e toda e qualquer fonte de vida de água. O Sereismo está ligado com a feminilidade, de como se sentir belo, independente dos padrões de beleza que são impostos pela sociedade, é o estado de espírito que vem o sentir, o querer de ser belo e o fascínio pela liberdade.

E é nesse fascínio, nesse encanto, que as sereias possuem a adoração de si mesmo e do corpo. É nessa auto adoração que a minha performance é inspirada. Um culto às sereias, uma dança de sensualidade, paixão e encantamento de mim mesmo enquanto um personagem de corpo híbrido.

1.2 O Sereismo através da performance.

Meu interesse em criar algo relacionado ao Sereismo veio nas primeiras disciplinas de movimento e linguagem, e talvez porque a fluência em determinados movimentos em plano baixo e médio e até mesmo em plano alto, me levassem para uma atmosfera aquática e totalmente imaginária.

No terceiro semestre da graduação, eu estava cursando sua disciplina de Movimento e Linguagem III. Eventualmente, conversando com a professora Fabiana Marroni, tive o pensamento que a minha pesquisa talvez pudesse ter a figura da sereia, uma vez que durante as aulas era explorado a fluência dos movimentos e a gestualidade que meu corpo, portanto me redescobria a cada encontro semanal.

Porém, foi cursando a disciplina de teatralidades brasileiras com a professora Rita de Castro, durante o auge da pandemia do coronavírus, que foi posta a oportunidade de ter várias aulas com professores de diversos estados do Brasil. Uma em especial me fez refletir e chegar a conclusão que a performance seria o caminho certo para minha pesquisa, foi o trabalho de Eleonora Fabião, a professora, pesquisadora e performer que virou uma inspiração para mim.

Na ocasião, tive a oportunidade de conhecer o programa performativo, que é compreendido como o motor da experimentação. Foi por meio dele que foi despertado em mim o interesse em buscar informações e experimentar, no meu corpo, tudo que eu achasse interessante no processo de criação teatral. Além disso, colocar meu corpo como elemento principal nas minhas ações experimentais, mesmo que fosse apenas em sala de aula sem plateia.

Brincando com minha segunda pele, a cauda, eu passei a explorar, no meu corpo, como seriam os movimentos do mais simples ao mais difícil de realizar. Para tanto, utilizei uma nadadeira de 80 cm, que pode ser considerado um figurino que exige certo esforço físico, principalmente na região do abdômen.



Imagem 11 – Foto: Marconi Cristino

Mas depois de ter conhecido o trabalho de Eleonora Fabião, novamente cursado com a professora Rita de Castro a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas, em meio a minha dificuldade de escolher um tema, recebi o estímulo e apoio da professora em trazer o Sereismo através da performance para a minha pesquisa, a qual me dediquei incansavelmente do início ao fim.

CAPÍTULO 02 – CORPO EM PERFORMANCE

2.1 – Corpo cênico, estado cênico.

Em uma reflexão sobre os estados onde o corpo é a sua grande dimensão e o objeto direto de comunicação entre o ator e a plateia, bem como ele se comporta diante de uma ação com um fluxo contínuo de movimentos, onde exerce o controle da situação, Eleonora Fabião descreve como o corpo cênico experimenta o espaço e o tempo. Dessa forma ressalta como se dá a investigação de temporalidades e espacialidades, a ligação do corpo é o fluxo entre passageiro, o imediato e instantâneo (FABIÃO, 2010).

Em minha investigação cênica, meu corpo de fato é a dimensão maior, além de explorar como é minha comunicação visual com quem me assiste enquanto realizo minhas ações de movimentos contínuos. Dessa maneira, é preciso de certo distanciamento da plateia, pois além de estar deitado, tem a movimentação inferior que uso a força das pernas para movê-lo na cauda onde eu necessito desse controle de tempo e da movimentação que envolve força no quadril, fazendo com que a parte inferior da nadadeira fique suspensa e livre no ar.

Fabião resgata um ponto importante em seu artigo “corpo cênico e estado cênico” sobre fluência, aliás sobre a experiência do fluir. Um pensamento onde o estado de fluidez é um estado alterado de consciência. São reações fora do padrão cotidiano de conduta, que é ocasionado pela realização de outra ação que envolve o agente de forma total. Dito isso, controlar a situação é se lançar com precisão (FABIÃO, 2010, p. 322).

Nesse caso, em minha ação performática, o mover com precisão é essencial, porque exige uma transferência de peso onde os ísquios sustentam todo o peso do meu corpo para que o movimento tenha elegância e a fluidez. Tenha apenas alguns pontos, onde interrompa a ação para que em seguida, ela continue por outro ângulo e outro fluxo.

Ao se falar em fluxo, Eleonora dialoga sobre o abrir de uma dimensão temporária, o presente do presente, a habilidade de conhecer e viver neste presente duplicado que determina a presença do ator. Pois, se vive os instantes na dispersão entre passado e presente, no tempo da atenção. Contudo, o passado é lembrado, ou o futuro vislumbrando com formas do presente. (Eleonora Fabião, 2010, p. 322)

Essa extensão do tempo traz a sensação de que toda ação é cronometrada, embora pareça. Eu prefiro dizer que o tempo é importante sim para diferenciar uma movimentação da

outra, ou quando preciso ter mais atenção do que já foi feito e o que ainda está por vir, neste caso é caracterizado como uma ação inesperada.

Para Fabião, o corpo cênico deve permanecer atento a si e ao outro. Deve também estar aberto a sensorialidade e conectividade, pois precisa estar em estado de atenção grande e/ou pequeno que foge do cotidiano. Ademais, se atentar para o que usa no corpo. A atenção se torna um requisito cênico como uma maneira de estar alerta e distendido, que é como experimentamos com os pés firmes no chão, enraizados de forma que o corpo possa se expandir ou contrair.

As minhas ações vêm da minha sensorialidade do que eu posso sentir, ou estar sentindo no momento em que as realizo. Costumo dizer que tudo o que sinto acontece de forma interna para então assim, poder externalizar. Em seguida, é revelado um sentimento, pensamento ou estímulo. Sendo assim, atenciosamente meu corpo fica disponível na íntegra para se alongar em contração ou expansão.

Uma afirmação que Eleonora Fabião (2010) traz sobre o palco é que nele não há imunidade. O olhar é palpação, o movimento é ação, ser é relação. Portanto, o corpo sempre estará interagindo com algo, mesmo que seja vazio, pois no palco o vazio não existe, mesmo que se tire. Todo o vazio é latência, porque no palco tudo aparece. A partir dessa afirmação, infere-se que o vazio é latente.

Pensando no Sereísmo como tema de performance e com a figura mitológica da sereia, me leva para esse lugar de imunidade no palco, porque estar em performance é estar disponível e vulnerável. Visto que o meu corpo está exposto, há quem queira tocar, assim como há quem queira apenas observar, e muitos olhares são palpáveis, pois o olhar também é tátil. Nem sempre precisa ser tocado de fato para sentir o toque, há olhares que te tocam a alma e pude vivenciar isso em cena.

E é nesse olhar que eu exploro minhas ações, o que posso fazer, o que posso sentir com o olhar de quem me vê, o que eu posso sentir com quem me toca literalmente. Por mais que esteja apenas o meu corpo em cena e não tenha nada além de mim, sempre existirá algo mesmo quando o palco estiver vazio. Trouxe uma fala em especial para mim de Eleonora Fabião: “o vazio é latente”, ou seja, qualquer lugar pode virar palco.

Eu tive que ter essa atenção e o cuidado de estar conectado comigo mesmo e depois com o público. Durante minha performance, pude experimentar o olhar do outro como um incentivo de movimento e gestualidade. O olhar das pessoas é como se fossem um combustível para que eu realizasse as ações o tempo inteiro. Mesmo quando eu não podia ver o rosto, mas o meu corpo sabia que era observado.



Imagem 12 – Foto: Marconi Cristino

Fabião nomeia isso como uma sucessão reativa de ações e reações imediatas. A temporalidade de um fluxo desconstrói partes de um processo expressivo, diminui o curto espaço entre pensar e agir, entre o estímulo e a resposta entre sentir e o emitir.

A performance em si, não deixa de ser um processo expressivo. Como ator, a atenção é minha aliada, porque toda ação gera uma reação. Um estímulo interior que seja, é o que me move em cena. Às vezes o tempo entre as ações causam uma ação em outro corpo. O que meu corpo quer sentir e o que ele quer emitir, é apenas o desejo de ser cobiçado quem se idêntica a esse estado de espírito.

Eu experimentei isso em cena, pois as sereias gostam de ser desejadas, observadas e admiradas por quem quer que seja. Sentir-me conectado através do olhar é algo mágico e ter o olhar como meio de comunicação, é um dos prazeres que descobri enquanto performer. Então, pude admirar o público e ser admirado em toda a minha sequência de ações.

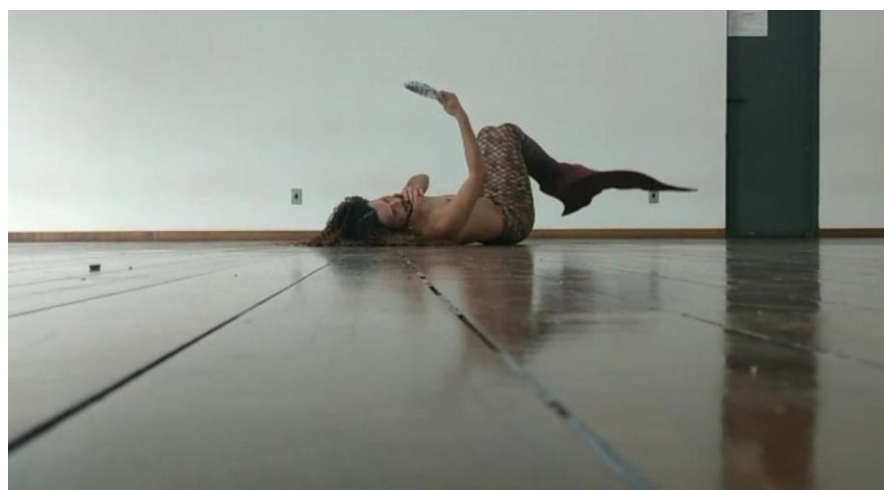


Imagem 13 – Foto: Marconi Cristino

Vale ressaltar outro ponto importante, conforme Eleonora Fabião, a atividade do ator e performer não é autônoma, mas relativa. Para ela, o ator é relativo ao espectador por reciprocidade e complementaridade. A relação entre aquele que atua e aquele que assiste é significativa pelo fato de haver a conexão entre aqueles que vêem e os que sabem ser vistos.

Ao meu olhar, trata da minha ação de domínio com o movimento, como ator, enquanto estou performando em relação ao que acontece fora do palco ou fora de cena, ou entre palco e plateia. Segundo a autora, é uma ação cênica colaborativa sob a presença cênica do ator, de uma forma impactante e condensada e que está associada à capacidade do ator criar fluidos com a plateia, onde se saiba gerar e habitar entre lugares da presença.

Durante a minha performance, o fato de estar deitado e de costas para o público, criou um estado do corpo presente, pois mesmo de costas eu pude sentir a presença das pessoas. Era o momento de presença mais incrível da plateia comigo mesmo, pois foi uma sensação única de estar vulnerável e entregue a eles.



Imagem 14 – Foto: Marconi Cristino

Creio que esse lugar de me permitir estar vulnerável foi o que tornou ainda mais potente as minhas ações, pelo fato de experimentar e criar essa atmosfera sensível que é a de ser um peixe fora d'água. Deparei em estar separado e limitado do público, já que tenho a possibilidade de me distanciar ou me aproximar, permitindo um contato de maneira direta ou indireta, que foi o que mais aconteceu comigo durante as duas performances que realizei.

Fabião (2010), tem uma visão bem esclarecida, quando diz que o corpo pode ser visível, invisível, animado, inanimado, luz, idéia, texto ou voz. Assim como ela, acredito que o corpo é sempre uma multidão de relações, corpo em relação forma-corpo. Ainda afirma o eu entre o lugar da presença e no nosso corpo, o que não está em nós.

Como ator tenho buscado trabalhar nos sentidos que possam aguçar a minha criatividade e receptividade nas investigações durante todo o processo. Durante os ensaios, busco encontrar essa força criativa para manter o corpo conectivo, atento e presente. Tendo um corpo receptivo, pois a receptividade é essencial para estar presente e disponível na presença do outro em toda a ação.

Sinto-me contemplado com esse texto de Fabião, "corpo cênico e estado cênico", por ser exatamente um entrelaçamento que o corpo cênico investiga: é a trama, memória, imaginação e atualidade, o fato de poder ligar as referências de memórias imaginárias e perceptivas. Fazendo com que esse corpo explore além de uma modalidade que contrapõe ficção e realidade.

Posso afirmar que todos os movimentos que realizei durante ensaios e experimentações, surgiram da minha memória afetiva que vem de muito tempo atrás e lembranças de quando eu era uma criança que brincava na beira do rio. Foram essas memórias ativas que me permitiram vivenciar de outra forma o agora com o corpo limitado pelo uso da nadadeira.

Como o meu corpo cênico poderia experimentar, imaginar, implicar a minha memória e como rememorar implica na imaginação e de que forma os meus movimentos se realizaram? Na verdade surgem no presente porque a imaginação tem esse poder de trazer a lembrança para o presente (FABIÃO, 2010).

Nós atores, segundo Eleonora Fabião, temos a habilidade de realizar o que não acontece habitualmente em diversas situações. Um exemplo disso, é justamente transformar a memória/imaginação em atualidade e sua alta capacidade de vibrar as coisas. Essa fluidez permite operações psicofísicas capazes de criar dimensões entre ficção e realidade (FABIÃO, 2010).

Há três propostas que se baseiam nas sensações básicas do corpo que Fabião menciona. A primeira é investigar as sensações posturais, por meio da escuta do corpo, da sensação de macro e micro alongamentos, torções e pressões e relaxamentos e transferências de pesos, variando entre eixos básicos: cima e baixo (céu e terra) direita e esquerda (orientação e ocidente) e frente e trás que são (passado e futuro), que são exercícios sugeridos por Yoshi Oida, um ator, diretor e escritor japonês (FABIÃO, 2010).

É o que eu sempre busquei explorar no início dessa pesquisa, essa variação de movimentos desde o pequeno até o grande (o contrair do corpo e o expandir dele), fazendo que seja um ótimo começo das ações para despertar o corpo e trabalhar em um fluxo variante

de intensidade, tamanho e força. Porém, encontrei certa dificuldade nas primeiras explorações, mas depois fui adaptando muitos movimentos.

A segunda parte é ativar a sensorialidade e investir em relações mais elementares de percepção comigo mesmo com o meio e o outro por meio dos cinco sentidos, tato, olfato, paladar, audição e visão. Quando todos esses sentidos estão aguçados, a capacidade de sentir é precisa. Nesse processo de investigação, optei pela audição e pela visão, não que os outros sentidos não fossem necessários, mas foram os que mais fiz uso. A audição porque durante alguns ensaios sempre estava acompanhado de uma trilha sonora de canto e a visão porque o que eu via no espaço cênico também funcionava como fio condutor dos meus movimentos (FABIÃO, 2010).

E por fim, a terceira é acelerar a conectividade, acirrar os entrelaçamentos entre corpo e espaço, corpo tempo, corpo história, corpo palavra, corpo conceito, partes do corpo e corpo uns com os outros. Tratar intercorporeidade entre lugares da presença. Essas são três tarefas que eu tentei usar para potencializar o corpo e o estado cênico como performer (FABIÃO, 2010, pg. 323).

Percebo em meu corpo que a relação de entrega sempre começa ao deitar no chão e sentir a matéria física que sustenta todo o meu corpo, fazendo com que eu sinta cada parte dele como uma ligação do corpo e o espaço.

Foram essas possibilidades e essa forma de experimentar ativando sensorialidade do corpo, que me permitiu ser um corpo vulnerável ao toque, ao olhar de quem me assiste. Por conseguinte, pude perceber uma potência nas minhas ações performáticas, essas bases reais que ativam minha memória afetiva, transportando para um lugar irreal, deixando-me presente em cena e que me permite ser esse corpo híbrido na busca pela gestualidade da figura da sereia.

2.2 – Performance e teatro: poéticas políticas da cena contemporânea.

A minha experiência com performance especificamente, começou com o Sereismo, ou melhor através do movimento do Sereismo. A partir do momento em que comecei a realizar algumas ações de movimentos inspirados em dois elementos da terra que são a água e o vento, eu pude externar esse amor pela minha liberdade. Colocando meu corpo para experimentar movimentos livres que não tivessem uma origem ou um sentido para serem realizados apenas com a intenção de me movimentar pelo espaço.

No artigo “programa performativo: o corpo em experiência”, Eleonora Fabião (2013), cita um artista chamado William Pope que realizou ações instigantes, fazendo uma performance que é, para mim, no mínimo curiosa. Ele estava trajando apenas um paletó, camisa branca, e gravatas, com um simples vaso de flores nas mãos, e se desloca pelo trajeto se arrastando durante toda a sua ação.



Imagem 15 – Foto: Arquivo pessoal

Causando várias interpretações para o público que pode ver ou receber a cena de forma absurda, com humor, triste, poético, patético ou simplesmente ridículo. O vaso de flores pode ser visto como o toque romântico, de forma poética da ação. Logicamente essa ação é realizada com a ajuda de um cinegrafista que inclusive causou indignação em espectadores que estavam assistindo, por acharem um absurdo Pope pagar alguém para registrar sua ação (FABIÃO, 2013).

Percebo o estado de presença e disposição do artista que chama a atenção do público. Pois requer um esforço muito grande, para realizar uma ação como essa. Uma das coisas que, para mim, fazem da performance mais potente. É exatamente essa presença, disposição e empenho que o performer tem em executar em suas ações.

Foi com esse texto que conheci o que é o programa performativo, conhecido como o motor de experimentação, pois é na prática que pude perceber as relações que o meu corpo criava com o espaço em cada local diferente que realizei as ações. Para Gilles Deleuze e Félix

Guattari, a performance acontece através de um procedimento composicional (FABIÃO, 2013).

A experiência do corpo e a criação de um corpo sem órgãos têm a ver com o corpo que é colocado em ação, a quem esse corpo pertence. Os autores explicam que a criação de um corpo sem órgãos sempre envolve uma elaboração de programa em duas fases (FABIÃO, 2013).

Pois para Eleonora, uma é para fabricar e a outra serve para fazer circular por aí, ou seja, passar algo. É quando acontece o inseparável entre política e experimentação é o fazer acontecer da performance. Como esse corpo é criado é afetado pela mobilidade e politicidade corpórea.

O programa performativo para a autora é o motor de experimentação e onde você pode explorar e experimentar o que pode ser cena e não cena e para mim, é o lugar de se colocar disponível na desconstrução, onde se encontra a zona de desconforto. Foi assim que iniciei minhas primeiras ações, eu tinha movimentos pré estipulados no pensamento que funcionavam como base para minha investigação dramaturgica no próprio corpo e a brincar com a improvisação para procurar outros lugares para performar.

Havia colocado em minha cabeça apenas um lugar específico para realizar a minha performance, e que por acaso ou obra do destino em meio a tantas burocracias do departamento de cênicas, eu me vi na obrigação de começar a enxergar um palco em qualquer lugar que fosse confortável e possível me movimentar. Foi em uma investigação prática que tive certeza que em qualquer lugar é possível fazer movimentos e expressar minha gestualidade enquanto usava a cauda, mas para isso foi necessário trazer o meu imaginário para as minhas ações.

A primeira performance que realizei foi na concha acústica em frente ao departamento de artes cênicas. Foi aí que percebi o potencial estético interessantíssimo e a força que minhas ações poderiam ter, já que havia investigado a dramaturgia do meu corpo, mas só então percebi a capacidade de tonificar o corpo durante a cena inteira em um espaço que nunca havia ensaiado antes e como isso foi potente, juntar cena com improvisado e vontade de fazer acontecer.



Imagem 16 – Foto: Mariano Costa

No entanto, creio que minhas ações e movimentações enquanto um artista e performer caminhavam para uma linguagem híbrida. Não só por conta do uso do corpo do personagem, mas porque é exatamente sobre uma mistura de vários elementos do teatro que não ficam somente no âmbito teatral, mas envolve todas as artes como visuais, música, dança entre outros. Eu estava decidido a realizar ações e me expressar fazendo uso de alguns elementos como a dança, a música e objetos cênicos que no caso era um espelho cravejado de conchas e pérolas.

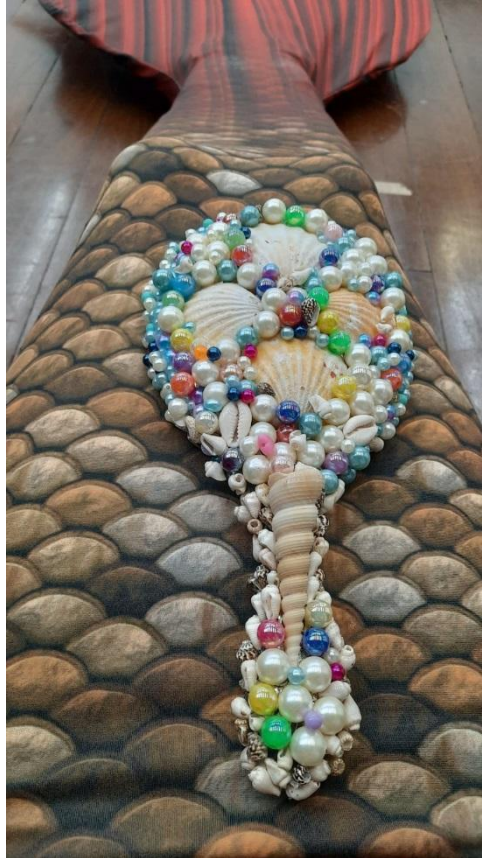


Imagem 17 – Foto: Arquivo pessoal

Interessante destacar que para realizar qualquer ação, não existe um lugar específico para fazê-lo, como eu pensava. Não é necessário o palco de um teatro, é possível realizar em diversos e inimagináveis lugares. Não existe um lugar específico. É possível performar em ruas, museus, escolas, galerias entre tantas outras possibilidades onde pode existir um espaço e pessoas possam ver e se permitirem serem tocadas, assim como o artista se dispõe a ser afetado (FABIÃO, 2013).

Agora entrando em outro assunto, no que se tange a performance como ato político. Na cena contemporânea existe exemplos de manifestos onde artistas performers se colocam no lugar de agradar e não agradar quem estiver assistindo. Senti isso na pele porque me permiti viver, aliás eu me coloquei em um lugar de insegurança e vulnerabilidade. Sentindo o olhar de algumas pessoas como forma de julgamento e a questão do público pensar o que é arte e o que não é arte.

Eleonora Fabião chamou minha atenção como pesquisadora e performer por citar dezessete histórias no artigo *Performance e teatro: poéticas políticas da cena contemporânea* de 2009. Ela apresentou cenas verbais em sua reflexão, questionando o que é real e o que não

é real e foge do comum da nossa sociedade heteronormativa. Algumas ações podem se tornar totalmente ofensivas, podendo causar incomodo e estranhamento nas pessoas.

Imagina que um homem empurrou um bloco de gelo pelas ruas da cidade do México, até ele derreter por completo. Ou um homem que introduziu uma boneca Barbie no ânus, e com a musculatura do abdômen e ânus expeliu lentamente em uma audiência. E a mulher que pegou um metrô para ir a uma livraria usando roupas em que havia deixado de molho uma semana em água de vinagre, óleo de rícino, leite, bacalhau e ovos.

A mulher que simplesmente trajava uma camisola branca, e usava terços de plástico rosa para desenhar pênis no chão, um homem que se senta em uma calçada exibindo três tubos de maionese branca tentando vender por cem dólares, ou o mesmo homem sentado em uma galeria por três dias, usando um gorro vermelho de papai Noel branco, tentando fazer levitar um vidro de leite de magnésia. E também uma mulher que convidou os espectadores a usarem nela objetos durante seis horas sendo totalmente passiva (FABIÃO, 2009).

Bem, essas são algumas ações performativas que onde descreve a relação do artista com o próprio corpo, a estética e política através das ações. Fabião afirma que gosta de levar essas histórias adiante, sem lança-las adjetivação, imaginando que essas práticas alargam e dinamizam a nossa forma de pensar e agir das ações da arte contemporânea.

Pensando em tudo isso, posso tentar entender o estranhamento de algumas pessoas ao me verem trajado de uma cauda de sereia, realizando movimentos suaves, dançando com as mãos com o tronco do corpo. Essas pessoas que olharam com esse julgamento de que não é algo comum ou normal, pois o que eu estava fazendo era diferente. Ver alguns homens me observando e julgando, interessante como o olhar deles afetou meu corpo fazendo com que eu me colocasse vez ou outra em posição fetal durante minha performance, não é comum ver um Sereio nessa posição, mas o olhar desses homens me fizeram espontaneamente me colocar nesse lugar nessa posição. Era como se eu fosse pequeno e inofensivo assim como um peixe fora d'água.



Imagem 18 – Foto: Mariano Costa

Tenho certeza que de certa forma minha performance é também um ato político no quesito de quebrar padrões, de me impor como ser humano como artista, de ganhar meu espaço também como um Sereio profissional e, é claro que as vezes arte também incomoda, a arte nem sempre vai agradar a quem está assistindo e observando, quem disse que eu não posso usar uma cauda? Quem disse que eu não posso praticar o meu Sereismo em lugares não convencionais?

Nessa perspectiva, ao olhar a força que uma performance pode ter e o impacto que ela pode causar ou não causar no público com as minhas ações, só me faz querer externar para o mundo que isso também é profissão. Demonstrar que pode me fazer circular a cidade ou estado, vários espaços e lugares diferentes, espalhando a mensagem do amor e consciência ambiental. Entendendo meu corpo, a relação que ele pode criar com o espaço e com o outro que me vê. Acima de tudo, me sentindo artista, me sentindo vivo e fazendo arte.

Eu encontrei muitos desafios ao longo de todo o meu processo de investigação com os movimentos e com toda a busca de espaço para poder me apresentar, mas a grande dificuldade é a minha limitação com o corpo, e preparar todo o espaço e de me preparar fisicamente e mentalmente. Preocupar-me com som, com horário do início ao fim do termino da música durante toda a performance. Desde o início da primeira ação ao meio e o fim, que nada disso seria possível sem a ajuda dos meus anjos de luz e amigos Mariano Costa e Marconi Cristino. Sem eles, seria praticamente impossível me deslocar usando minha cauda até a concha acústica na frente do departamento de artes cênicas.

Tive auxílio para pensar em uma grande parte de mecanismos, a minha dramaturgia corporal foi toda inspirada na ativação do arquétipo da sereia e nos movimentos ensinados por Fabiana Marroni em suas aulas em movimento e linguagem três e agora nessa reta final em

práticas docentes em dança, onde pude aprender outras formas de gestualidades que poderiam resultar em danças futuras junto ao Sereismo. O figurino eu adquiri no segundo semestre lá no início do curso, a cenografia e iluminação não fiz uso desses mecanismos até mesmo para simplificar o que já não estava sendo fácil e caracterização foi feita por Mariano Costa.

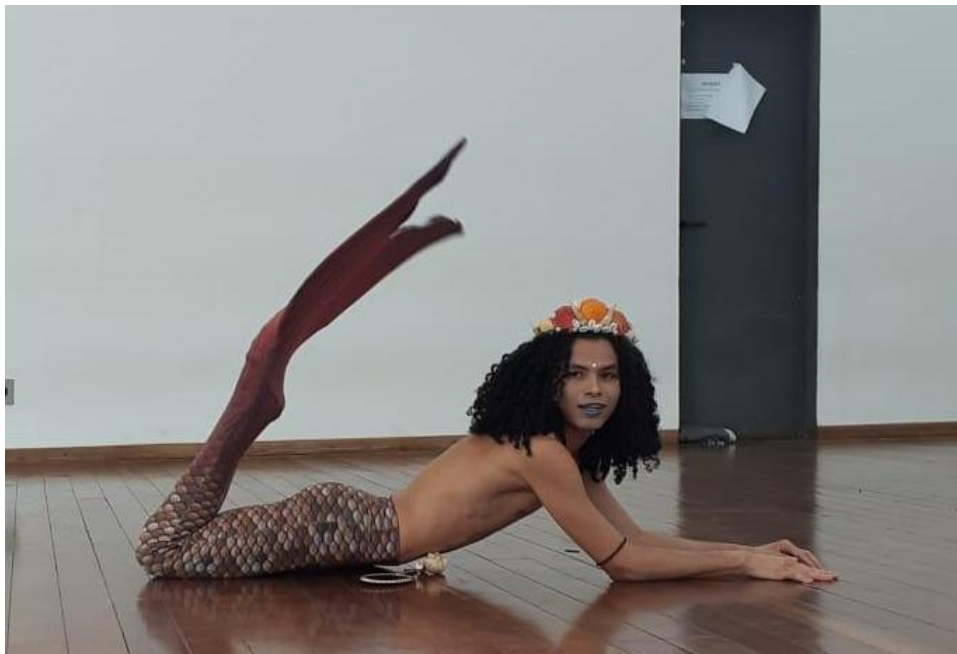


Imagem 19 – Foto: Gabriel Xavier

Com essa colaboração coletiva entre amigos e artistas que sempre se apoiam, o meu eu ator se tornou simultaneamente autor, diretor e performer, e com a ligação e primeiro contato com o público me sentindo um performer. Através de estímulos, sorrisos e olhares durante a segunda performance foram frutos do amor, carinho, respeito e afeto mutuo entre colegas de curso.

2.3 – Performance de arte relacional como cura.

Por outro lado, em meio as minhas pesquisas do que eu queria passar com as minhas ações enquanto performer, depois de provocações do meu orientador durante algumas buscas de materiais encontrei o trabalho da professora, pesquisadora e bailarina Claudia Regina Garcia Millas que, em um artigo, fala sobre o interesse em encontrar nos rituais ancestrais da América latina. Trata também de práticas corporais que visam a mudança do participante e a conexão consigo mesmo, com outro e com o meio. Dessa maneira trata as ações e simbologias que podem ser pensadas como dispositivos de cura (MILLÁS, 2017).

É um estudo de Claudia Regina baseado em um pensamento de Schechner que diz que a performance poderia ser compreendida como relação do teatro e ritual como um movimento contínuo e recíproco do outro. Foi seguindo esse raciocínio que eu decidi criar um ritual de

ativação do arquétipo da seria, onde eu usasse o espelho como o único objeto de cena como se fosse um portal de adoração de mim mesmo.

O espelho me lembra de quando eu era um acriança que brincava na margem do rio e via seu reflexo na água e ficava encantado imaginado com curiosidade como seria ver a mãe d'água e para mim funciona como um portal.

Interessante como ela traz a linguagem híbrida, como a própria linguagem performática que se define pela própria indefinição, transformando por meio de ações que modificam o contexto de atuação, trazendo a indisciplina que transgride, cria espaço e se instaura sem pedir licença, sem se encaixar aos velhos moldes da arte, sendo uma inovação para produções artísticas (MILLÁS, 2017).

Eu acredito que não poderia escapar da performance principalmente por ser versátil e não me apegar a uma única forma de me movimentar e me expressar. Era possível incrementar mais coisas e elementos cênicos, porém seria um trabalho para uma experiência maior, e futuramente penso em trabalhar o corpo com luz cênica são caminhos que posso percorrer na minha busca de ações performáticas.

Falando em ações, Millás (2017) também menciona Eleonora Fabião, ao dizer que o cuidar é fundamental, como uma ação transformadora, assim buscando antes de qualquer coisa ativar o corpo; aumentando sua potência de vida para que se efetive como agente, potente, capaz de intervir e criar e modificar estruturas enrijecidas.

Pensando nisso ao começar experimentar movimentações tentando formar uma dança onde eu tivesse a liberdade de usar todos os planos que eu consegui explorar, alguns movimentos que se tornaram mais potente como fazer a vela que funciona como um alongamento, mas também deixa as pernas e o abdômen rígidos, porém do joelho aos pés ficam livres para movimentar e também era uma forma de interação com o público, nesse caso antes da de fazer a vela tinha um olhar pra plateia e quando eu recebia qualquer sinal levantava o quadril e batia a nadadeira em forma de cumprimento à plateia, como é possível perceber na imagem abaixo.



Imagem 20 – Foto: Fabiana Marroni

Pensando em um conjunto de ações para Claudia Regina, o híbrido é o indisciplinado que requer uso de diferentes ferramentas para formar um discurso e as próprias ações de filosofias e psicologias da dança, para também criar partilhas sensíveis que podem mudar e afetar, tendo essa transformação como ponto de partida, pode ver a potência da performance.

Uma coisa que me ajudou na criação de um ritual para externar o que eu sinto, foi alguns manuseios das mãos que aprendi em aulas de dança do ventre, que permite ter uma leveza no tocar e no sentir, nesse caso do sentir era o meu próprio toque na pele exposta da cintura para cima, e passeando a mão pelo ar como se estivesse flutuando e usar as mãos para acenar que acabou virando um cumprimento durante os olhares que recebi durante a minha performance.

Entretanto o ponto forte da pesquisa da professora Claudia Regina (2017) é a cura pensada como aumento de potência de vida, uma possibilidade de movimentação diferente, coragem e risco e a verdade do ator, não a cura de uma especialidade médica, mas como possível transformação interna, e como ser melhor e bonito em nossa existência.

Isso é mas uma ligação que eu possuo com o Sereismo, é o que eu quis passar durante a minha performance, o Sereismo para mim toca em lugar muito sensível que é a minha auto aceitação como pessoa, como artista e como eu me sinto. O Sereismo veio para me fazer aceitar como eu sou de corpo e alma, então nada mais justo do que me mostrar vulnerável durante um ritual, que só eu tinha acesso e foi um processo lindo durante todos os ensaios ouvindo o canto de uma sereia enquanto eu me adorava, por me sentir belo do jeito que eu

sou, performando uma das formas mais lindas de externar o Sereismo presente em mim e que faz parte de mim.

Vale ressaltar que Millás (2017) também segue a linha de raciocínio de outro teórico Foucault, o foco do trabalho em si, e com as técnicas do próprio eu, como o teórico denomina. Isso que permite os atores, indivíduos a fazerem certas operações com o próprio corpo, sobre suas almas e o próprio pensamento e transforma a si próprios e mudam buscando um estado de felicidade, e essa felicidade são compreendidos como potência de vida.

Muitas coisas que tenho vivido, depois que me tornei adepto do Sereismo faz uma ligação direta com o pensamento de Foucault, como artista sinto que tudo que faz meu espírito reviver a cada dia e se conectar com a natureza, de como posso me permitir a viver conexões, buscando um estado de felicidade e ser feliz nas pequenas coisas da vida.

A metodologia da professora, bailarina e pesquisadora Cláudia Regina acontece a partir da sua própria experiência, das coisas que há paixão e como forma do seu conhecimento e com o limite do saber, na busca em relação e desconexão consigo próprio, a relação com o espaço e o processo de ritual e simbólico para se conectar, unir e afetar o mundo, através de suas ações performáticas visando à cura como potência de vida.

No início da minha performance eu sempre fico de costas para o público e aos poucos vou me revelando, até poder estar de frente e entregue a eles para receber e dar afeto e conexão pelo olhar, esse tempo que uso para me revelar estou sempre de olhos fechados para me sentir conectado, é o meu momento empírico, porque não basta colocar uma cauda, uma maquiagem para me transformar, não é o figurino que me faz me sentir como um Sereio, é o momento de entrega é espiritual é mágico e belo esse momento que eu vivo ele, é como eu me curo diante dos problemas do mundo.

No entanto o termo performance de arte relacional a cura, é um termo também utilizado por Tânia Alice performer e professora na UNIRIO, que também usa as ações performáticas como forma de arte relacional, com uma perspectiva terapêutica entre o participante e o performer onde pratica ações de encontro. Sinto-me contemplado por ter encontrado esse caminho e poder dar um sentido para as minhas ações performáticas, mesmo que arte não tenha que ser sempre explicada (MILLÁS, 2017).

Todavia são esses caminhos que tenho buscando em minha composição como performer dentro do Sereismo, o ritual, o conhecimento a troca e o afeto e ações que

permitem trabalhar o corpo por inteiro, trazendo minha experiência pessoal. O que também não significa que seja algo fácil, se mostrar como eu me vejo diante do olhar do outro.

2.4 - O gesto e o sentido.

Vale a pena citar José Gil, durante a minha busca por referências em movimentos e dança na busca de conhecimento sobre o que daria sentido para as minhas ações enquanto performer, e o que poderia trazer significado as minhas gestualidades.

No capítulo quatro do seu livro "Movimento total", aborda sobre gesto e sentido. Ele diz que a dança por si própria, não significa nada. O gesto dançado, a menos que tenha sido concebido ou codificado para apresentar certa significação precisa. O que não quer dizer um sentido que a linguagem articulada poderia traduzir de maneira fiel e exaustiva. O gesto é gratuito, transporta e guarda para si o mistério da sua fruição, mas também pode ser o contrário, porque apesar de pensar dessa forma, quando lemos nos gestos de um bailarino, frases bem escritas ou confusas, sequencias de movimentos de onde o sentido se irrompe ou de onde pode se ausentar (GIL, 2001).

No meu processo artístico da vida, passei em alguns momentos pela dança. E a dança tem esse poder da expressão ser muito potente, dança é movimento e é dançando que percebo como estão meus sentimentos, emoções. Se os movimentos estão em um fluxo contínuo, se são movimentos quebrados se são expandidos ou contraídos. A dança tem mistério e qualquer coisa que acontece de especial, o fato paradoxal de quem olha compreende imediatamente o sentido dos movimentos dançados (GIL, 2001).

Minha performance pode ser compreendida e ao mesmo tempo pode ficar no lugar da incompreensão, nela eu realizo gestos que em algum momento fazem sentido e que surgem através do meu inconsciente e que está ligado com o meu estado de espírito, executo gestos que fazem sentido para mim e outros que não fazem sentido algum e que estão ali, porque tenho em mente que uma vez que começo a me movimentar não paro mais até eu terminar de fato o fluxo de movimentos.



Imagem 21 – Foto: Mariano Costa



Imagem 22 – Foto: Mariano Costa

Um fluxo de movimentos que só precisa percorrer caminhos pelo meu corpo, pelo espaço e nem sempre está ligado com estímulos que eu possa receber da plateia. São apenas movimentos abstratos que podem ser os mais desprovidos de sentidos, porém o interessante é que eles não significam que podem ser menos perceptíveis pelo público.

Encaro todos os movimentos abstratos como uma comunicação do meu eu interior com o eu exterior, assim acabo por reproduzir uma espécie de base coreográfica que preciso ter em mente para não ficar apenas no improvisado e assim ter mais possibilidades de dançar com a minha gestualidade pessoal.

Durante os meus experimentos tinha em mente que para construir gestos eu precisaria da expansão do movimento e da contração adaptada devido ao uso da cauda. Para criar o ritual de ativação do arquétipo da sereia, eu precisava de movimentos codificados, espontâneos e livres, pois os movimentos codificados são programados na minha cabeça que já estão prontos para iniciar a performance. Um exemplo, como é possível ver na Imagem 2, é deitar o corpo na lateral. Essa é uma posição clássica das sereias profissionais e serve como base para os movimentos espontâneos, com a ajuda do equilíbrio do meu corpo no espaço, resultando em movimentos livres para os o tronco braços e mãos.



Imagem 23 - Foto: Mariano Costa

Eu queria chegar a um movimento dançado que possuísse diferença entre gesto funcional, teatral e lúdico. Alguns movimentos foram para ambos os lados equilibrando a cauda para cima fazendo uma torção é quase que uma acrobacia, ao mesmo tempo acontecia fazendo torça do quadril para esquerda e para direita. Os gestos teatrais que ficaram mais a cargo dos movimentos superiores com a cabeça e ombros, já que o movimento lúdico vem do acenar e soprar beijos em determinados momentos quando recebia um sorriso e também fica

pela imaginação de cada pessoa que assiste, já que também é uma opção de ser visto dessa maneira principalmente pelas crianças que a imaginação flui com a imagem da sereia.

Não fazia ideia de como pudesse chamar os movimentos que surgem do pensamento, talvez pensasse que seria movimentos imaginários, até encontrar um termo que englobasse todos os meus sentidos, criando a partir do meu próprio sentir a possibilidade de ter metáforas em momentos de transição de um plano para o outro até descobri com José Gil (2001, p. 111 e 112) que isso se chamam movimentos amodais.

Precisemos os termos: esta<<modalidade de movimentos do corpo>> encontra-se em todas as esferas dos movimentos que fazem sentido – são movimentos <<amodais>>, altamente abstractos, transferíveis de um sentido para o outro, dos sentidos para o pensamento, do pensamento para o corpo. Se os gestos dançados se compõem de movimentos de transição, o seu sentido tem, portanto, uma generalidade<<amodal>> impossível de exprimir fora do circuito dos próprios movimentos do *gestus*: *por* onde vemos a emoção, o pensamento, a sensação emerge e se encontra enquanto gestos. O pensamento procede por gestos, tal como a minha emoção que se dilata, se intensifica, se desperta, etc.

Absorvendo esse conhecimento sobre a percepção do sentir, e de ter feito uso das minhas emoções em todo o processo de descoberta da performance, percebo que mesmo sem ter a intenção de criar um sentido para os meus gestos, por que no final das contas sempre tem uma ligação. O tempo inteiro do corpo em geral e quando falo do corpo, inclui tudo que há em mim, por dentro e por fora e sempre foi do estado empírico de visualizar algo internamente e fazer uso de um objeto para manter a concentração. No caso o espelho do Sereio funciona como um portal, físico e mental para que tudo que eu vejo enquanto cena, já esteja acontecendo dentro de mim, vou me concentrando em gestos cotidianos que para mim vai virando a comunicação de tudo ao meu redor para comigo mesmo e as minhas emoções começam a aflorar em mim, dentro desse ritual que é a ativação do arquétipo da sereia enquanto cena.

2.5 - O teatro do movimento.

Seria impossível eu não falar de Lenora Lobo e o quanto suas aulas me inspiraram e me ensinaram sobre o meu corpo e como foi um processo de descoberta da minha expressividade corporal enquanto ator. Tive prazer de ter aulas com ela na metade do meu primeiro semestre, na disciplina de Movimento e Linguagem I, depois de ter passado pelos os ensinamentos de Márcia Duarte que ambas dividiram a turma em dois grupos. Foi nesse período que eu comecei a trabalhar a minha consciência corporal e descobrir movimentos que eram usados no teatro, trabalhando a relação também entre peso, transferência de peso, corpo

cênico, movimentos estruturados e o imaginário criativo onde comecei a brincar com os movimentos e expressões de sereias que eu tenho no meu imaginário.

Foi nessa época que iniciei uma pequena investigação com a criação, movimento e expressão. Em suas aulas exploramos o corpo como um todo e a relação entre dança e teatro que, como ela mesma dizia em sala de aula, nós éramos também artistas do movimento, foi onde eu comecei a exercitar minha sensibilização, pois era importante saber e lidar com a minha bagagem, que possuía antes de entrar nas artes cênicas. E a única experiência que eu carregava comigo eram algumas aulas de dança do ventre, que é uma dança que requer disciplina e atenção, e que eu havia praticado para adquirir uma espécie de coordenação motora no próprio corpo.

Era comum em algumas aulas realizarmos massagem no próprio corpo como também trabalhar em duplas. Essas massagens corporais serviam para ativar tanto a sensibilidade como aliviar tensões, para depois ganhar o solo, onde era possível ativar e sentir os pontos de apoio, atentando-se para o peso e observando o momento que o corpo para a gravidade no chão, para então assim começar a explorar o plano baixo, médio e alto.

Foi assim que descobri o tônus muscular no meu corpo e como e habilidades corporais que como diria Leonora Lobo são compreendidas como capacidade ou destreza, e para mim os movimentos têm início no quadril e tendem a seguir um fluxo onde você mexe o corpo como um todo, mas no meu caso eu sempre ia para a cintura braços e escapulas, que são uma das partes que mais explorei durante minhas aulas de dança do ventre, e que por sinal meu corpo carrega essa memória até hoje, no que resultou em movimento da minha performance que é o oito maia, conforme a Imagem 3 eu adaptei com uma torção do quadril e que pode ser visto em uma figura.



Imagem 24 - Foto: Marconi Cristino

Movimento que mais utilizei em todas as aulas sempre eram os que trabalhavam na bacia, Lenora sempre falava sobre a importância da postura e do deslocamento.

"Considero importante que se experimentem os movimentos de básculas, balanços para os lados, movimentos circulares, sua relação com trabalho de pernas e com a coluna, onde a bacia se mantém alongada, como podemos observar quando a pessoa está na posição deitada ou em pé, ou em movimentos em que faz a abacia faz uma flexão, como posições sentada, agachadas, deitada com as pernas para cima e outras" (LOBO, 2007, p 110).

Eram através desses movimentos que eu conseguia nortear uma base para as minhas explorações com a coluna, abdômen e as mãos que sempre são capazes de produzir uma infinidade de gestos, é com o uso das mãos em boa parte da minha performance que produzo os meus movimentos. Ainda possuo lembranças da postura da mão na dança do ventre onde uso da fluência para os movimentos e ondulações com o corpo. E sim, Lenora Lobo teve um papel essencial na minha busca pelo movimento. Engatinhei com o Sereismo em suas aulas, em exercícios mais densos de fluidez, de equilíbrio em planos baixos, médios e altos inspirados nos quatro elementos da terra.

E por fim e não menos importante, apresento para você que está lendo essa pesquisa uma leitura que me ajudou, com memórias afetivas e que tem despertado o meu lado lúdico que me faz pensar em trabalhar com o público infantil e contar histórias é o livro *Julian é uma*

sereia da atriz e autora Jessica Love. Esse é um livro infantil que fala com delicadeza sobre diversidade, identidade e permite mudar como você enxerga o mundo e a importância de ter o apoio familiar.

Posso dizer que é um livro ilustrativo e que me faz viajar para muito longe, que me arrebatou para a minha infância quando eu brincava de ser sereia, quando estava em contato com as águas doces da minha terra, o Pará, em especial Marabá. O personagem Julian, assim como eu, é um menino que ama sereias e enxerga a vida de uma forma bonita. Eu, agora depois de adulto, ainda me imaginava com uma cauda de sereia e pude virar Sereio, de forma literal. Julian tem o apoio de sua vó Zita, assim como ele, eu tive o apoio da minha mãe, o que é necessário e importante ter esse vínculo e afeto com a família, que todos os Julians tenham esse acolhimento esse aconchego para ser Sereio ou sereia, tritão. É possível, é lindo e é mágico.

Quem nunca quis brincar na beira da água e fingir que é uma sereia? Assim como Julian, eu vejo a vida de uma forma leve e doce, e que todos que se identifiquem com o Julian ou como eu, com as sereias, os tritões e Sereios, possam ter uma vó Zita por perto.

Deixo aqui uma foto muito significativa em forma de agradecimento para alguém que me inspirou muito. A professora Fabiana Marroni, que me deu asas para voar, imaginar e criar os movimentos mais livres que vocês podem acompanhar nos links do Youtube. (<https://youtu.be/g-63MfU8GIc> <https://youtu.be/20fNHSGp5xs>)



Imagem 25 – Foto: Mariano Costa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o Sereismo é mostrar para o mundo e para as pessoas que eu amo como eu penso, enxergo e vejo a vida, pois me deixa imensamente feliz. E faço isso com o coração transbordando de alegria, porque eu amo as minhas origens, eu amo ser diferente de tudo e de todos. Sinceramente, me sinto especial por estar escrevendo sobre algo tão íntimo e pessoal. Além disso, estou orgulhoso do caminho que trilhei desde o primeiro dia de aula na graduação, quando cheguei me sentindo tão pequeno como um grão de areia, e ver a minha evolução como pessoa, como artista, sim eu sou artista! Não sou apenas um ator como imaginaria que sairia do departamento de artes cênicas. Me sinto um ator, me sinto artista e me sinto vivo.

Minha trajetória não foi fácil até chegar aqui, mas eu pude desfrutar da companhia de pessoas que, sem sombra de dúvidas, foram e são essenciais para a minha arte e para minha formação. Eu me descobri como performer e me sinto um artista cheio de possibilidades e com muito entusiasmo para colocar em prática novas ações performáticas. O Sereismo para mim também é profissão, para projetos futuros sigo firme acreditando na minha potência de vida.

Performar não é algo fácil ou simples de se realizar, pois é preciso muito querer, muito tesão e paixão pelo que você acredita. Foi necessário muita persistência nos momentos em que eu não acreditava em mim, não foi e nem será fácil a vida de um artista independente, mas acredito que com muita disposição entrega e desejo tudo pode ser, tudo é possível e tudo pode acontecer.

Se você se sente ligado, conectado com a natureza, e assim como eu ama a cultura das sereias, esse trabalho é para você. Sou grato imensamente ao departamento de artes cênicas e deixo aqui uma frase que faz parte da minha vida e digo sempre para quem é um sonhador como eu, então como diria Luan Santana, "só quem sonha consegue alcançar" e eu alcancei.

Um splash para todes, com carinho do Ralin Sereio.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Gabriela. **Sereismo, o maravilhoso movimento que tem conquistado mulheres (e homens) do mundo inteiro.** 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/05/conheca-o-sereismo-movimento-que-tem-conquistado-mulheres-e-homens-do-mundo-inteiro/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea.** Sala Preta, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 235-246, 15 abr. 2009.

FABIÃO, Eleonora. **CORPO CÊNICO, ESTADO CÊNICO.** *Revista Contrapontos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 321-326, dez. 2010.

FABIÃO, Eleonora. **Programa perfomativo: O corpo - em- experiência.** *Revista Lume: núcleo interdisciplinar perfomativo de pesquisa teatrais, UNICAMP*, volume da edição, n.4, p. 1 - 10, dezembro, 2013.

GIL, José. **Movimento Total: o corpo e a dança.** São Paulo: Relógio D'água, 2001.

LOBO, Lenora. **Teatro do Movimento: um método para o intérprete criador.** 2. ed. Brasília: Lge, 2007.

MILLÁS, Claudia Regina Garcia. **PERFORMANCE DE ARTE RELACIONAL COMO CURA.** In: XVII COLÓQUIO DO PPGAC/UNIRIO|, 17., 2017, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Ppgac/Unirio, 2017. p. 22-26.

MIRELLA Ferraz - **Mundo da Sereia - O que é o Sereismo?.** Produção de Mirella Ferraz. São Paulo, 2015. (18 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DzeE9FLe_rY. Acesso em: 11 dez. 2022.

O SEREISMO EM A FORÇA DO QUERER, Minha opinião sincera. Produção de Tritão P.H.. Fortaleza, 2017. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V2gUR63Hb1o>. Acesso em: 10 dez. 2022.